



## **Ata da 3ª Reunião Geral do Fórum Agropecuária e Silvicultura em 2021 – 26 de outubro**

**Participantes:** Alessandra Fajardo (Bayer), Beto Mesquita (BVRio), Carla Gheler-Costa (Câmara dos Deputados), Carlos Barros, Eduarda Lee (CNA), Eduardo Roxo (Atina), Fernanda Rodrigues (Diálogo Florestal), Fernando Passos (UFPR), Fernando Tersi (Rizoma Agro), Fernando (Fazenda da Toca), Guilherme Raucci (Agrosmart), Gustavo Brasileiro (Fazenda Tapuia), Gustavo Lobo (Agroicone), Ivone Namikawa (Klabin), Jessica Liu, Juliana de Carvalho (Diálogo Brasil), Keith Alger (ICCF), Lauro Junior (Embrapa), Leda Tavares (WWF), Leila Harfuch (Agroicone), Leonel Almeida (Marfrig), Liège Correia (JBS/Friboi), Lucas Ribeiro (Abag), Marcello Brito (Abag), Maria Eduarda Resende (USP), Mariana Pereira (Solidaridad), Mayara Cintra (MAPA), Michele Cotta (Centro Clima/COPPE/UFRJ), Mirela Mariano T Silva (Cargill), Naila Takahashi (GPP ESALQ), Pâmela Carbonari (Bem Comunicar), Paulina Quintana (BOKU), Paulo de Araujo (Fazenda da Toca), Paulo Faveret (BNDES), Pedro Magalhães (REGROW), Petras Shelton Zumpano (University of Melbourne), Priscila Calegari (IBS), Raquel Carvalho (ICV), Ricardo Haidar (Instituto Perene), Rodrigo Castro (Solidaridad), Rodrigo Maule (GPP ESALQ), Sergio Martins (GPP ESALQ), Sérgio Henrique de Moura Nogueira (Lapig-UFG), Tamilis Emerick (SIF-UFV), Tatiane Silingovschi (Società), Tiago Reis (Trase), Tomas Kovensky (TNC), Toshiro Okada (Komatsu), Xico Graziano; Joice Oliveira, Laura Lamonica, Maiara Beckrich, Renato Grandelle (Coalizão)

### **Atualização das Forças-Tarefa do Fórum Agropecuária e Silvicultura**

#### **FT Finanças Verdes**

- Este ano, a FT contribuiu com a [consulta 82](#) do Banco Central que abordava a criação do Bureau Verde de Crédito Rural. Já sabemos que tivemos alguns avanços em relação às restrições dentro do Manual do Crédito Rural, como a inclusão de verificação, pelas instituições financeiras, de sobreposição de propriedades com territórios quilombolas, terras indígenas e Unidades de Conservação. Também enviamos contribuições para as [consultas 85 e 86](#) que tratavam da regulamentação da política de responsabilidade socioambiental e a gestão de riscos climáticos.
- A FT também enviou [contribuições para o Plano Operacional 2030-2050 do ABC+](#), divulgado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Por fim, do lado das finanças privadas, intermediamos a consulta que a Principles for Responsible Investment (PRI) fez com os bancos sobre políticas de combate ao desmatamento.
- Como próximos passos, pretendemos: fortalecer a agenda de finanças privadas, com a participação ativa dos bancos membros da Coalizão; e dar continuidade às agendas de fortalecimento das políticas de crédito e seguro rural e BC# Sustentabilidade.

#### **FT ATER**

- A FT surgiu em 2020 com o objetivo de se posicionar em relação ao PL 4371/2020, do deputado Zé Silva, que pretendia revisar a Política Nacional de ATER. A FT avaliou que o PL traz algumas perdas, em relação à política atual, no que se refere a público-alvo, participação e governança.



- A visão da FT é de que a PNATER deve manter o público-alvo que tem hoje: agricultura familiar, indígenas, quilombolas e outros povos tradicionais. Também levantamos a necessidade da formação e atualização de técnicos de ATER com olhar para agricultura de baixo carbono. Abordamos, ainda, que são precisos modelos de assistência presencial e semipresencial, com agentes multiplicadores, para dar maior capilaridade. Hoje, a ATER atinge apenas 20% dos agricultores. Na Amazônia, chega a menos de 9%.
- Há necessidade de melhor definição de indicadores de desempenho e metas para entender o impacto da ATER. O PL, como está hoje, concentra a tomada de decisão no governo federal e é preciso garantir uma governança mais ampla com participação de estados, municípios e sociedade civil na execução orçamentaria e priorização de ações.
- Há seis meses o deputado Zé Silva retirou o PL da pauta para reformulação e, desde então, temos buscado diálogo com ele para debater estes pontos.

### **FT Código Florestal**

- Tendo em vista que todos os Fóruns e parte importante das FTs têm contribuído para a incidência da Coalizão em diferentes assuntos relacionados ao Código Florestal, a FT foi criada com três objetivos principais:
  - Garantir a sinergia entre as FTs, para não haver divergências entre abordagens na hora de chegar a um posicionamento da Coalizão sobre Código Florestal como um todo.
  - Em caso de haver alguma situação de emergência sobre o Código, temos por onde canalizar a discussão;
  - Ser uma espécie de hub da Coalizão com outros grupos que também trabalham no monitoramento e em advocacy pela implementação do Código.
- Fizemos a primeira reunião em 7/10. Os próximos passos são a consolidação da FT, definir a liderança do setor privado para coliderar esta FT e um plano de ação.
- Faremos um seminário interno para conhecer dois projetos de larga escala: um deles reúne dez instituições do Observatório do Código Florestal e vai gerar ferramentas de monitoramento da implementação do Código. O outro, o PlanaFlor, coordenado por Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, BVRio, FGV e CSF-Brasil, visa desenvolver um plano estratégico em que o Código e a agenda de recuperação florestal estejam no centro de estratégia política de recuperação econômica no pós-Covid.

### **Debate: O futuro da agricultura: inovação para sustentabilidade**

#### **Mediadora Liège Correia, diretora de Sustentabilidade da JBS/Friboi e líder do Fórum de Agropecuária e Silvicultura**

- O Brasil não precisa de novas áreas para produzir. Sabemos do papel fundamental das novas tecnologias em ajudar no desafio de produzir mais e melhor nas áreas que já temos e alimentar o mundo de maneira sustentável. Hoje, falaremos dos gargalos e das



oportunidades para disseminar essas tecnologias nas cadeias produtivas e mercados em que elas atuam.

- Como está a inclusão digital do produtor rural brasileiro, os principais gargalos da conectividade e qual o papel da ATER neste cenário?
- Quais os principais fundamentos da agricultura regenerativa e orgânica? Ela pode atingir escala no Brasil?
- Como o uso de ferramentas digitais no campo pode contribuir para o enfrentamento da mudança climáticas?
- O que se pode fazer para evitar a exclusão dos pequenos e médios agricultores da tecnologia?

### **Rodrigo Maule, coordenador executivo do Grupo de Políticas Públicas da Esalq/USP**

- Quando se pensa em agricultura, inovação e sustentabilidade, o grande destaque é a tecnologia digital. Mas, comparando o censo de 2006 com o de 2017, enxergamos um acirramento de desigualdade. De um lado, temos agricultores com capital, para quem as tecnologias digitais fazem com que a produtividade por área aumente. Do outro lado, há uma grande gama de agricultores que estão caminhando para a exclusão, sem capacidade de escala por falta de capital. A entrada da tecnologia digital vai acirrar esse processo e é algo que precisaremos discutir.
- Se olharmos para os pequenos e médios produtores, cerca de 80% já trabalham com alguma ferramenta digital, pelo menos em comunicação. Já entre os grandes produtores, o número é maior. Tem uma pesquisa da Embrapa Informática, Sebrae e INPE, feita com cerca de 750 produtores, que mostra que 84% já usavam alguma tecnologia digital em suas operações. Isso mostra que mesmo o agricultor que não está num nível tecnológico tão bom, tem capacidade e possibilidade de usar essas ferramentas. Além disso, a geração de conhecimento de inovação está concentrada no Sul e Sudeste do país, assim como assistência técnica está concentrada na parte Centro-Sul.
- Um mapeamento de disponibilidade de conexão de internet móvel que fizemos para o MAPA mostrou que apenas 15% do território é coberto com tecnologia 4G. Se olharmos o 3G, esse número fica em 75%. É um gargalo. A internet está sendo usada pelos produtores para pesquisa, comercialização, WhatsApp, mas, quando ele está na propriedade, às vezes falta conectividade. Também temos o gargalo do custo para a inclusão digital. Isso deve ser feito por meio de assistência técnica, que hoje está bem sucateada no país e precisa de revitalização.
- Vejo que uma oportunidade para segurar um pouco o êxodo do campo é pensar em alternativas de capacitação para os jovens. As tecnologias digitais vão abrir outras frentes de serviços. Seria uma forma para fazer com que as pessoas que estão no campo possam permanecer nele.
- Com relação às questões climáticas, elas irão acelerar a entrada de tecnologias e novas práticas. Há muitas informações sobre mudanças climáticas que podem ser disponibilizadas, auxiliando os produtores na condução de sua produção.



- Inovação e tecnologias digitais estão vindo em um ritmo acelerado. Elas não são neutras e impactarão todas as áreas. Esse impacto deve ser dimensionado e equalizado com políticas, para que não haja acirramento de desigualdades no campo, mas sim condições que permitam que as pessoas continuem a trabalhar e cultivar suas áreas.

### **Guilherme Raucci, diretor de Novos Negócios e Contas Coporativas LATAM da Agrosmart**

- No Brasil tem mais de 1.500 agtechs. É um mercado em evolução. O principal ponto que A Agrosmart busca resolver é a conectividade: colocamos sensores no campo, sem necessidade de internet para envio de dados. Nosso principal *driver* é dar uma solução concreta para os produtores. Focamos primeiro na irrigação e hoje, sete anos depois, estamos gerando vários tipos de dados para produtores e indústria.
- Temos indústrias que tem compromissos de produção sustentável e faz, por exemplo, rastreabilidade. Mas, muitas vezes, as cadeias são difusas, com vários intermediários. Como garantir os compromissos? A tecnologia dá escala e transparência de maneira rápida para esses elos. Por termos essa conexão com produtores e indústria, hoje provemos soluções para o dia a dia.
- A tecnologia hoje não se limita só à produção. O produtor tem que planejar safra, adquirir insumos, conseguir crédito e vender. O ecossistema das agtechs é amplo, com empresas que trazem várias soluções. Aí entra outro desafio: o produtor de médio porte tem dificuldade para lidar com tantas tecnologias e, para facilitar o produtor a adotar tecnologias, hoje as startups são muito mais colaborativas.
- Outro desafio é que o ciclo na agricultura é lento e para testar uma solução é necessário tempo e pode levar até três anos para o produtor decidir se vai investir. Por isso, existe a dificuldade de perceber o retorno de investimento no curto prazo, e isso limita o avanço de algumas tecnologias. Custo sempre será um fator, mas se tem retorno de investimento, isso não deveria ser empecilho, ainda mais havendo linhas de crédito para impulsionar as tecnologias.
- Com relação ao pequeno produtor familiar, a Agrosmart os acessa por meio de projetos com a indústria. Temos projetos nos quais a empresa quer ajudar os produtores com propriedades de 1 a 3 hectares a produzir melhor. A indústria está fomentando a digitalização do produtor e a busca por soluções de adaptação e mitigação climática, para não ficar sem fornecimento.
- Para endereçar as mudanças climáticas que já estão em curso, fornecemos a previsão do tempo, orientamos o produtor a irrigar melhor, com economia de água de mais de 70%, o que também leva à redução de suas emissões já que economizam energia elétrica ou diesel do sistema de irrigação.
- Vejo o Pagamento por Serviços Ambientais como uma alavanca para o pequeno e médio produtor que quer fazer a transição para outro modelo de produção. A tecnologia vai dar transparência, porque quem for dar o crédito vai querer saber quais são os indicadores e se estão sendo cumpridos, e o único jeito de fazer isso é com tecnologia.
- Uma fazenda hiperconectada não necessariamente é o nosso objetivo. O MAPA fez uma parceria para envio de informações por SMS para os agricultores do Nordeste. Na Índia,



que tem mais agtechs que o Brasil, tudo funciona na base do SMS, até contratação de crédito. Tem que ter um processo que esteja integrado com políticas públicas e com a realidade de cada produtor e setor.

- Há um espaço muito grande para o financiamento, em prol das tecnologias mais sustentáveis, para conectar os produtores ao mercado. Muitas vezes tem financiador, mas não tem quem faça a ponte ou garanta monitoramento com qualidade. Debate do carbono se relaciona com isso já que será necessária mais tecnologia para dar transparência e tranquilidade para o mercado.
- Se o 5G for implantado como deveria, seria uma transformação radical, mas não podemos esperar o 5G chegar para fazer o que precisa ser feito. Nas comunidades aonde vamos, temos problemas de estrutura básica como dificuldade para aulas on-line. Então temos que ter cuidado para que a agenda de sustentabilidade não se torne um fator de exclusão.

#### **Fernado Tersi - Rizoma Agro**

- A Rizoma Agro, que atua com produção regenerativa, começou em 2008, dentro da Fazenda da Toca, criada para produção de orgânicos em Itirapina (SP). Nas nossas operações, medimos carbono e indicadores referentes a água e à biodiversidade. Começamos com produção orgânica de milho, soja, feijão, aveia. No sistema agroflorestal (SAF), trabalhamos com árvores e produção de frutas.
- Na Fazenda da Toca, temos produção de grãos e SAF. O SAF é extremamente eficiente para sequestro de carbono. Estamos falando de até 40 toneladas de carbono por ano, dependendo do sistema. Na fazenda Takaoka, em Iaras (SP), trabalhamos com milho, soja, aveia e feijão e com sistema silvipastoril intensivo. Mostramos que é possível fazer produção de carne em alta performance, com sequestro de carbono. A pecuária rotacionada emitia quase 6 toneladas de carbono. Com as produções em áreas associando árvores e leguminosas, conseguimos sequestrar até 25 toneladas por ano.
- Entendemos que é possível integrar três sistemas numa mesma fazenda. Vamos imaginar uma fazenda que tem que ter 50% de reserva. Nos outros 50%, você pode aliar SAF, pode fazer silvipastoril intensivo e produzir grãos. Se você considerar área de reserva mais a área onde cultiva árvores, nativas ou exóticas, você chega a 80% da área com reserva. Nos outros 20%, você opera com grãos. E o gado pode sair, no inverno, das áreas de silvipastoril e ir para a de grãos. São modelos assim que temos operado.
- Com relação à tecnologia, um dos *gaps* que percebemos é a dificuldade que a agricultura orgânica tinha para se estabilizar e ter bons retornos econômicos. Naquele momento, víamos uma agricultura orgânica de baixa performance e baixa adoção de tecnologia. Começamos a fazer uma agricultura orgânica que usa as tecnologias disponíveis e conseguimos ter níveis de produtividade bons e custos de produção interessantes.
- Quando focamos nas pessoas, levando treinamento, mostrando o ganho da tecnologia nova, há mais eficiência nos processos produtivos. Hoje você tem sistemas em que uma máquina conversa com a outra, ajudando o funcionário a tomar decisões. Há menor



consumo de energia, mais eficiência no uso de máquinas, e isso tem a ver com o desenvolvimento das pessoas.

- Há uma quantidade imensa de tecnologia: estação meteorológica, sensores no solo, opção de ligar e desligar pelo celular, ferramentas de análise de pragas no campo georreferenciadas. São inúmeras possibilidades de melhorar a eficiência. Isso é realidade para parte dos produtores e o grande desafio é democratizar isso.
- A agricultura orgânica cresce e poderia crescer mais por meio do ATER, por exemplo. Na parte de controle de pragas e doenças, vemos muitos produtores tentando produzir parte dos insumos dentro das fazendas, então poderia haver mais apoio nessa área. Vejo que as grandes melhorias que estão acontecendo nos últimos anos vêm de pesquisas que precisam ser divulgadas, que não chegam ao agricultor. Apesar de todas as ferramentas de acesso à informação, tem muita coisa que não chega na ponta, mas que poderia estar aumentando as performances de qualquer unidade de produção.